



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**SUÉLEN LOPES DA SILVA**

**COMPREENDENDO O CIÚME EM UMA  
PERSPECTIVA ANALÍTICA**

ARIQUEMES - RO  
2014

**Suélen Lopes da Silva**

**COMPREENDENDO O CIÚME EM UMA  
PERSPECTIVA ANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em: Psicologia

Prof<sup>o</sup>.: Ms. Orientadora: Ana Claudia Yamashiro Arantes

Ariquemes - RO

2014

**Ficha Catalográfica**  
**Biblioteca Júlio Bordignon**

**FAEMA**

---

S586c Silva,Suelen Lopes.

Compreendendo o ciúme em uma perspectiva analítica./ Suelen Lopes Silva: FAEMA, 2014.  
39.

Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientadora:Prof.<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>Ana Claudia Yamashiro Arantes

1. Ciúme.2. Animus. 3. Anima.4. Personalidade sombria. I.Arantes, Ana Claudia YamashiroII. Título. III. FAEMA.

CDD150

---

**Bibliotecária responsável:**  
Elayne Cristina Nobre de Souza

CRB-2/1368

**Suélen Lopes da Silva**

## **COMPREENDENDO O CIÚME EM UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Prof<sup>o</sup> Orientador: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Orientadora Ms. Ana Cláudia Yamashiro Arantes  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Gilsinéia Raposo Coêlho  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

---

Prof<sup>a</sup> Dr. Maila Beatriz Goellner  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 13 de novembro de 2014.

Dedico a Deus, pois Ele é e sempre foi o centro de tudo. Tudo é Dele, por Ele e para Ele. E se não fosse por sua infinita misericórdia e amor, esse sonho não teria se realizado. Obrigada!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** pela força nos momentos em que eu achei que não conseguiria. Sem Ele, eu não teria tido coragem para prosseguir.

A **Ms. Ana Claudia Y. Arantes** por ter sido a peça fundamental para a elaboração desse trabalho. Pela paciência durante esse processo de construção de idéias, e pelo esforço feito para estar comigo em mais essa etapa.

Aos meus pais, **Divo da Silva** e **Maria Erenide**, por estarem sempre me apoiando e me dando o suporte necessário, por terem confiado em mim e acreditado que eu seria capaz de vencer todos os obstáculos, por investirem para que eu pudesse concretizar esse sonho.

Ao meu irmão **Gledson Lopes**, pelo incentivo da escolha profissional e por nunca desistir de seus sonhos e me fazer crer que eu também poderia ir além, a minha irmã **Gleise Lopes**, pelo apoio e a toda minha **família** pela fé depositada em mim.

Ao meu noivo **Everton Oliveira**, por me ajudar a manter o foco nos momentos em que eu achei que focar era impossível. Por ser sempre tão compreensivo e companheiro, por entender cada momento que passei e pelo apoio que sempre me deu em todas as minhas decisões. Pelo carinho, amor e dedicação dispensados a mim durante a fase mais importante da minha vida. Por ter me feito enxergar a vida com outros olhos e por me proporcionar tantas coisas boas.

A minha amiga **Marcela Fernanda**, por ter sido muito mais do que uma amiga de faculdade. A nossa caminhada foi de muitos espinhos, mas eu sempre pude encontrar descanso em seus ombros e apoio em suas palavras. Por sempre saber me entender quando todos pareciam não saber fazer isso. Por me ouvir quando precisei, por celebrar juntamente comigo o meu sucesso, por acreditar em mim e confiar a mim a sua amizade. Por todos os momentos divididos, por todas as vitórias alcançadas. E de todas as coisas boas que aprendi na faculdade, te amar e admirar como pessoa e amiga, foi uma das mais valiosas lições. Com você aprendi a ser melhor.

A minha amiga **Lediane Tavares**, por ter sido tão companheira desde o início da minha caminhada. Pelo seu carisma e simpatia contagiante, por ser uma pessoa tão especial e por tornar minha vida mais doce. Por ter sido mais do que amiga, por

ter cuidado de mim de uma forma tão linda e por ter me ajudado a enfrentar desafios.

A **Adriana Garcia**, por ter sido mais do que minha terapeuta. Por ter me ajudado a crescer e enfrentar as coisas de um jeito diferente. Por me acolher e me mostrar que a vida tem sabor e que deve ser vivida com intensidade.

Aos meus **amigos** que diretamente e indiretamente acompanharam cada passo que eu dei durante esse percurso.

A todos que participam da minha vida, e me fazem querer vencer, **MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

Este trabalho aborda questões relativas ao ciúme. O ciúme dentro do relacionamento é muitas vezes encarado como uma demonstração de afeto, mas é preciso ter cuidado com a intensidade que esse sentimento aparece dentro das relações afetivas. A proposta do estudo foi compreender as definições do ciúme dentro dos relacionamentos afetivos numa perspectiva analítica. Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, onde o levantamento de dados teve como fonte principal livros que abordavam a sistemática do ciúme dentro do relacionamento afetivo na psicologia analítica postulada por Jung. Pode-se dizer que os motivos que levam um indivíduo a agir de forma ciumenta estão relacionados com a falta de diálogo que o mesmo possui com seus parceiros invisíveis, conhecidos como arquétipos nomeados por Jung como anima e animus.

**Palavras chave:** Ciúme; animus; anima; personalidade sombria.



## ABSTRACT

This work approaches questions related to normal and pathologic jealous. The jealous in a relationship is sometimes seen as an affection demonstration, but it's necessary to take care of the intensity that this feeling appears at affective relations. This study proposed to understand the jealousy definitions at the affective relationships in an analytic psychology perspective. To perform this study was done a bibliographic research in which the data entry had as principal source books that presented the jealousy in affective relationships at the analytical psychology postulated by Jung. It is possible to say that the reasons that make an individual act in a jealous way are related to the lack of dialogue that oneselves have with its invisible partners, known as archetypes named by Jung as anima and animus.

**Key words:** Jealousy; animus; anima; shadow personality

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SCIELO      Scientific Electronic Library Online

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	13
2.1 OBJETIVO GERAL .....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	14
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	15
4.1 CAPÍTULO I – CIRCUNSCRIÇÃO TEÓRICA ACERCA DO CIÚME ATRAVÉS DO REFERENCIAL ANALÍTICO.....	15
4.2 CAPÍTULO II – FUNCIONAMENTO DA DINÂMICA ANIMUS E ANIMA.....	22
4.3 CAPÍTULO III – CONSTELAÇÃO DO CIÚME NA INFLAÇÃO DO EGO .....	29
<b>CONCLUSÃO</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

O ciúme não é um sentimento vivido apenas por indivíduos que possuem um relacionamento afetivo ou íntimo, mas aparece principalmente nesse tipo de relação interpessoal. Falar sobre o ciúme é algo que traz desconforto, pois é admitir comportamentos e sentimentos não aceitáveis socialmente.

Existem várias concepções a respeito do ciúme, mas por vezes, essas definições não esclarecem de fato as origens do mesmo e nem mencionam com clareza as diferenças existentes entre o ciúme normal e patológico. A psicanálise, apesar de muito difundida e abrangente, ainda deixa a desejar em relação aos estudos sobre a origem do ciúme, carecendo delineamentos acerca de suas características. Com este trabalho, pretende-se desmistificar as origens do ciúme a partir de uma visão junguiana, diferentemente da proposta de Freud que se ocupa em identificar os pressupostos causais do ciúme ao invés de ocupar-se com a propedêutica psicológica.

A Psicanálise de Freud traz consigo algumas explicações para esse sentimento tão obscuro e que por vezes se torna doentio, resultando até mesmo em tragédia. Freud escreveu acerca de três tipos de ciúmes, sendo eles: competitivo ou normal, projetado e delirante. (FREUD, 1922). Todavia, este trabalho pretende elucidar o funcionamento do ciúme através de uma perspectiva analítica postulada por Jung, onde o autor aborda explicações deste funcionamento na dinâmica do relacionamento afetivo como tendo origem em arquétipos específicos da personalidade, chamados por ele de *animus* e *anima*.

Para Jung, o ser humano é um ser andrógono, ou seja, possui dois lados da personalidade. Afirma que o homem tem consigo uma alma feminina chamada por ele de *anima*, que é responsável por alguns comportamentos do homem. E que a mulher da mesma forma, tem uma alma masculina, chamada de *animus*, que também é responsável por diversos comportamentos da mulher.

Em sua teoria, Jung esclarece os comportamentos de homens e mulheres a partir dos arquétipos que constituem a personalidade. Postula que quando não se possui um conhecimento acerca desses parceiros invisíveis, ambos estão fadados à possessão por esses arquétipos e, a partir disso, o relacionamento é quem sofre as

consequências. Uma vez possuídos pelo *animus* e pela *anima*, os indivíduos agem de forma inconsciente, projetando um no outro suas faltas. Quando tais projeções acontecem, as cobranças começam a surgir e conseqüentemente brigas e desentendimentos, podendo inclusive resultar em tragédias.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender as definições do ciúme dentro dos relacionamentos afetivos numa perspectiva analítica

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Descrever sobre os arquétipos da personalidade masculina e feminina;  
Compreender os relacionamentos afetivos e sua dinâmica;  
Elucidar questões relativas à personalidade sombria do ser humano.

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho é baseado em uma pesquisa bibliográfica, por meio do qual fora feito um levantamento de dados através de consultas em livros e artigos. A escolha do material a ser utilizado para realizar tal pesquisa foi feita a partir de comunicação interpessoal.

Esse tipo de pesquisa é realizado a partir de um levantamento de dados, ou seja, de referências teóricas já publicadas, podendo ser elas livros, artigos científicos, páginas de web sites entre outros. Tal procedimento é feito com objetivo de coletar informações a fim de responder aos questionamentos pré-estabelecidos. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande freqüência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. A sua indicação para esses estudos relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto ser dada a partir de fontes bibliográficas. Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir utilização de dados dispersos em inúmeras publicações [...]. (LIMA; MIOTO, 2007).

Optou-se pela utilização de livros devido à relevância dos conteúdos abordados nos mesmos, dentro de uma perspectiva analítica postulado pelo autor escolhido para a discussão do tema estabelecido. Tal estudo também deve ser considerado como uma pesquisa qualitativa. O artigo utilizado nesta pesquisa bibliográfica foi retirado do site de busca eletrônica, SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 CAPÍTULO I – CIRCUNSCRIÇÃO TEÓRICA ACERCA DO CIÚME ATRAVÉS DO REFERENCIAL ANALÍTICO

Há quem crê que o ciúme se faz necessário em um relacionamento afetivo. Acredita-se que seja uma demonstração forte de amor ou uma declaração ao parceiro de cuidado, preocupação e zelo. Enganado está quem pensa que o ciúme deve ser encarado somente desta forma. No livro *Além do Princípio de Prazer*, escrito por Freud, o mesmo descreve o ciúme como estados emocionais e divide-os em três classes, conhecidas como: competitivo ou normal, projetado e delirante. (FREUD, 1996a).

O ciúme competitivo é combinado com uma variedade de sentimentos, dentre eles o sofrimento e angústia, que pode ser entendido também como medo de perder o objeto amado e inveja do rival bem sucedido. Dentro da abordagem psicanalítica, o modo competitivo pode ser considerado como normal, sem demasia e parcialmente racional, estando sobre controle total do ego consciente, mas mesmo assim, dentro desse princípio podem existir fundamentos inconscientes arraigados. (FREUD, 1996a).

A diferença entre o ciúme considerado normal e o patológico está relacionada à como o indivíduo se porta mediante a tal sentimento de ameaça de perda do objeto amado, refere-se à intensidade em que esse sentimento aparece nos relacionamentos afetivos e como ele possui os parceiros envolvidos nessa dinâmica de enamoramento. Entende-se então que o ciúme projetado e delirante, nomeados assim por Freud, são considerados patológicos e têm suas origens no inconsciente.

O ciúme projetado é proveniente do próprio desejo de infidelidade da pessoa, recalcado e direcionado, desta feita, no parceiro:

[...] É fato da própria experiência cotidiana que a fidelidade, especialmente aquele seu grau exigido pelo matrimônio, só se mantém em face de tentações contínuas. Qualquer pessoa que negue essas tentações em si própria sentirá, não obstante sua pressão tão fortemente que ficará contente em utilizar um mecanismo inconsciente para mitigar sua situação. Pode



obter esse alívio – e, na verdade a absolvição de sua consciência – se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade. Esse forte motivo pode então fazer uso do material perceptivo que revela os impulsos inconscientes do mesmo tipo no companheiro e o sujeito pode justificar-se com a reflexão de o outro provavelmente não ser bem melhor que ele próprio (FREUD, 1996a, p.232).

Sendo assim, pode-se entender que um indivíduo ciumento faz uso de um mecanismo de defesa conhecido como projeção, onde ele coloca no outro, um conteúdo especificamente seu, na tentativa de aliviar o sofrimento psíquico, por não se permitir desejar alguém que não seja seu parceiro. (FREUD, 1996a).

A terceira classificação do ciúme para este autor também é considerada patológica, sendo então chamada por ele de delirante:

[...] A posição é pior com referência ao ciúme pertencente à terceira camada, o tipo delirante verdadeiro. Este também tem sua origem em impulsos reprimidos no sentido da infidelidade, mas o objeto, nesses casos, é o do mesmo sexo do sujeito. (FREUD, 1996a, p.232).

Entende-se então com esta afirmação, que tal sentimento tem suas origens em investidas reprimidas relacionadas à homossexualidade. Em *Cinco lições de psicanálise*, Freud, parte do pressuposto de que os desejos patológicos originam-se de componentes instintivos eróticos, ou seja, as experiências vividas pela criança durante as fases do desenvolvimento influem diretamente em sua vida adulta. Deste modo “O complexo assim formado é destinado à pronta repressão, porém continua a agir do inconsciente com intensidade e persistência”. (FREUD, 1996b, p.58, *italico meu*).

A possibilidade de uma total compreensão a respeito do ciúme nos relacionamentos amorosos se torna mais difícil utilizando-se apenas da teoria freudiana, pois a mesma não explicita com clareza a dinâmica do casal enamorado, as origens de tais sentimentos e o que leva os indivíduos a agirem desta maneira. Essa teoria é falha quando se trata de esclarecer o dinamismo psíquico e por que tais circunstâncias são geralmente repetitivas e acometem seu psiquismo.

A partir disso serão apresentados, então, alguns conceitos da teoria analítica postulada por Jung, onde o mesmo trás considerações sobre os arquétipos da personalidade humana, esclarecendo assim, conceitos relativos aos comportamentos de ciumentos.

Existem diferenças entre as duas teorias, mas de imediato pode-se encontrar tal diferença em relação à conceituação do inconsciente, a grande diferença da consideração teórica. Johnson, afirma que para Freud “o inconsciente era considerado um amontoado de sucata, formado de fatos sem valor reprimidos e rejeitados pelo indivíduo durante a sua vida”. Já Jung tinha outra perspectiva em relação ao mesmo assunto, afirmava “ser o inconsciente a matriz, o poço artesiano do qual brotava toda a criatividade”. (JOHNSON, 1987b, p.30).

Valorizando a criatividade, este mesmo componente criativo faz com que Jung modifique a própria meta da intervenção terapêutica que deixa de examinar as causalidades que vão dar vazão e vai fazer surgir o trauma e o sintoma e aliando-se a uma visão finalista, prospectiva, avaliará a função através da qual os sintomas são instalados. Jung então deixa de ser seguidor de Freud e postula uma teoria analítica com intuito de explicar como se dava o comportamento humano e os relacionamentos afetivos. (JOHNSON, 1987a).

A dimensão prospectiva, teleológica está voltada pro conceito de individuação, o principal conceito da teoria de Jung. Individuação é a transformação do indivíduo que ele mesmo deve situar em relação a si mesmo. A pessoa torna-se um ser pleno a partir das experiências vividas, ela internaliza conceitos durante toda a vida, até se tornar um ser unificado. (JOHNSON, 1987b).

Para esse teórico, o ser humano deve ser considerado como um ser andrógono em sua psique, ou seja, um ser que necessariamente combina elementos em sua personalidade, mais conhecidos como animus e anima. Sendo assim, todo homem possui uma *anima*, que corresponde ao lado feminino de sua alma, e toda mulher possui um *animus*, correspondente ao seu lado masculino da alma (JOHNSON, 1987b).

O autor Johnson, utiliza-se de mitos para esclarecer as considerações a respeito desses arquétipos. Em seu livro *She – A chave do Entendimento da Psicologia Feminina*, a análise feita por ele parte de um mito principal: “*Amor e Psiquê*”. Ele então afirma que desde a mitologia antiga até os tempos de hoje a estrutura fisiológica e psicológica do ser humano não tem mudado muito, e as mudanças que aconteceram foram na forma de buscar a satisfação das necessidades que sempre existiram. (JOHNSON, 1987b, *italico meu*).

Por essa razão é que, quando queremos estudar padrões humanos, tanto de comportamento quanto de personalidade, é muito elucidativo irmos às fontes primeiras onde sua representação é tão direta e simples que não há como deixar de vê-los. Aí, ao compreendermos a estrutura básica, poderemos ver as variações peculiares à nossa época. (JOHNSON, 1987b, p.5)

Os mitos são considerados fontes riquíssimas de *insights* psicológicos, pois são produzidos a partir de uma imaginação coletiva, ao contrário do que se pensa, e devem ser considerados como experiências de toda uma cultura. Eles retratam níveis de realidade. (JOHNSON, 1987b).

Para melhor compreensão a respeito do funcionamento da personalidade humana e as implicações psicológicas que os mitos trazem acerca do psiquismo, será discorrido então, sobre o mito de Eros e Psiqué.

Segundo Johnson (1987b) Afrodite, a mãe de Eros – por quem Psique se apaixona – era considerada a deusa grega arcaica da sexualidade e feminilidade e era totalmente intolerante a qualquer tipo de disputa que a envolvesse. Psique era a filha mais bela de seus pais, que eram reis, e a que trazia mais preocupação por não aparecerem candidatos para desposá-la, pois temiam sua beleza. Como costume da época, seus pais foram procurar orientações do oráculo que, por sinal, tinha sido dominado por Afrodite que estava transtornada de inveja e ciúmes da beleza da jovem. O destino de Psiqué fora traçado, ela deveria desposar a morte, a criatura mais horrível que poderia existir. A jovem é então acorrentada no alto de uma montanha e deixada a mercê de seu terrível destino.

O plano de Afrodite era destruir Psiqué para que ela voltasse a ser adorada por sua beleza como costumava ser, e então pede ajuda ao seu filho Eros – conhecido como o deus do amor, o cupido – e ordena que ele faça com que a jovem se apaixone perdidamente pelo monstro que viria buscá-la. Como sua mãe havia pedido ele obedece, mas ao chegar à montanha e contemplar a beleza de Psiqué, ele acidentalmente se espeta por uma de suas flechas e o inesperado acontece: Eros se apaixona perdidamente pela jovem e pede para que o Vento Oeste, seu amigo, a transporte para o topo do rochedo ao vale do Paraíso. Psiqué não faz perguntas a respeito de onde estava indo, apenas sente-se aliviada por ter sido salva de seu terrível destino. Psiqué teria um marido-deus e moraria no paraíso com as melhores coisas que pudesse sonhar, mas teria que seguir algumas condições;

não poderia olhar para seu esposo e nem questioná-lo sobre seus atos, o que foi concordado pela jovem. (JOHNSON, 1987b).

Algum tempo depois suas irmãs ouviram rumores de que Psiqué não havia morrido e que estava desfrutando de uma vida muito boa. Impulsionadas pela curiosidade foram à procura da irmã no tal paraíso que Psique morava. Admiraram-se com a beleza do lugar e sentiram inveja do destino da irmã. Questionaram sobre seu marido e Psiqué contou que ele era jovem, amável e que passava o tempo caçando. Tempos depois suas irmãs não satisfeitas voltaram para visitar novamente. Psiqué não se lembrava mais da história que havia contado e diz que seu marido é velho, de cabelos grisalhos e que era um poderoso homem de negócios. Suas irmãs já possuídas pela inveja elaboraram um plano terrível para a jovem. Voltaram então em uma terceira visita e convenceram Psiqué de que seu marido era uma serpente e que queria apenas devorá-la juntamente com o filho, quando o mesmo nascesse. Persuadiram-na então dizendo que a única forma de se livrar de tal destino, seria pegar uma lâmpada e deixá-la na cabeceira da cama juntamente com uma faca de lâmina afiada escondida debaixo do travesseiro. No meio da noite, Psiqué deveria cortar a cabeça da criatura repugnante. (JOHNSON, 1987b).

No meio da noite, Psiqué, então, coloca em ação o plano e acende a luz para matar seu esposo. Quando enxerga seu rosto e contempla toda a beleza do deus do amor, Psiqué se sente culpada e arrependida e acidentalmente se espeta em uma das flechas de Eros e se apaixona por ele. Quando isso acontece, ela derruba óleo nos ombros de Eros que é acordado pela dor e ao perceber o que estava acontecendo, sai voando com suas asas para longe. Psiqué se segura a ele, todavia não consegue se sustentar por muito tempo e acaba caindo. Eros conversa com Psiqué e fala sobre sua atitude de desobediência e afirma que a mesma seria punida por sua ausência e que a criança que ela carregava nasceria então, como mortal. (JOHNSON, 1987b).

Eros voa e retorna para a casa de sua mãe, Afrodite, ao mesmo tempo em que Psiqué pensa em suicídio e vai em direção ao rio para tirar sua vida. Ao encontrar o deus Pan no rio, ele a convence a não cometer tal ato. Psiqué começa então uma busca por ajuda, mas todas as deusas se recusam a ajudar jovem por temerem a ira de Afrodite. Psiqué recorre a Afrodite, a qual faz duras afirmações dizendo que ela não servia pra ser nada além de subalterna, e é exatamente isso que Afrodite a propõe. São lhe propostas, então, quatro tarefas para que Psiqué

fosse liberta. Na primeira dessas – uma missão praticamente impossível – ela deveria separar um amontoado de sementes antes do anoitecer. As formigas a ajudam e Afrodite têm que admitir ao retornar, que o trabalho havia sido muito bem executado. A segunda tarefa da moça, seguida de ameaça de morte se a tarefa não fosse executada, seria buscar um tosão de ouro. Desesperada, Psiqué vai ao rio novamente na intenção de se matar e recebe conselhos de juncos. Afrodite fica aborrecida ao retornar e perceber que Psiqué havia conseguido um pouco de lã de ouro. A terceira tarefa era encher uma taça de cristal com água do Estige, um rio circular que aparecia e desaparecia do alto da montanha, que passava pelas regiões do inferno e voltava às origens e que era guardado por monstros perigosos. Psiqué mais uma vez pensa em suicídio e então Zeus envia sua águia e a mesma recolhe a água que Psiqué precisava e ela se vê com mais uma tarefa executada. Sua quarta e última tarefa seria ir aos infernos e pegar um bauzinho da beleza com Perséfone, a deusa de lá. Psiqué vai ao mundo inferior e volta com êxito, mas ao sair de lá comete uma tolice, abre o baú e é tomada por um sono da morte. Eros ao perceber que sua amada estava em perigo livra a de tal sono e pede a Zeus para que a transforme em deusa, Afrodite concorda satisfeita e ela dá a luz a uma criança chamada Prazer. (JOHNSON, 1987b).

As personalidades que aparecem nos mitos refletem componentes arquetípicos em todo psiquismo e por esse motivo é importante reconhecer Afrodite e Psique. Os mitos têm uma correlação com a realidade. Para Johnson (1987b), os mitos podem até parecerem arcaicos e desconexos, mas se uma atenção diferenciada for dispensada a eles, pode-se entender os seus significados e compreender os comportamentos humanos e suas origens psíquicas.

Toda mulher tem componentes característicos dessa deusa conhecidos como: vaidade, luxúria permissiva, fertilidade e a tirania quando contrariada, além de ser invejosa e não tolerar qualquer forma que seja de competição. Logo, toda mulher possui uma natureza de Afrodite. (JOHNSON, 1987b).

A natureza de Psiqué é conhecida como solitária, pura, virginal e incompreendida, todavia adorada. Também existe uma Psiqué dentro de cada mulher. É de grande valia saber reconhecer a Afrodite e a Psiqué interna dentro de si e administrar esses dois lados de uma mesma personalidade é o motivo de tantos conflitos, uma vez que Afrodite não tolera disputas. (JOHNSON, 1987b).

Como existem componentes femininos, também existem anseios em agregar os masculinos e esses são representados através da terminologia *animus*. Caso esses componentes masculinos não sejam conscientizados surge o anseio na mulher de buscá-los de uma forma projetiva, no companheiro amoroso.

Jung chama de *animus* e *anima* as parcelas da personalidade humana responsáveis por diversos comportamentos socialmente conhecidos como inadequados. O *animus* corresponde à alma masculina da mulher, e a *anima*, à alma feminina do homem. (JHONSON, 1987a)

De acordo com Johnson “o *animus* e a *anima* atuam de forma efetiva dentro de cada um como mediadores entre as partes inconscientes e conscientes de nossa personalidade.” Para que eles não possuam o indivíduo e atuem interferindo em seus comportamentos, é preciso ter clareza sobre esses arquétipos:

Poder-se-ia dizer que para a mulher evoluir faz-se necessário libertar-se do domínio que seu componente masculino exerce sobre ela. Esse elemento – que para a maioria das mulheres é inconsciente – é que vai regular seu relacionamento, muitas vezes negativamente, com o mundo exterior. Para ela evoluir, o *animus* – conscientemente reconhecido como tal – precisa assumir uma posição de mediador entre o ego consciente e o mundo interior inconsciente. Como tal, será de grande ajuda para ela. (JOHNSON, 1987b, p.54).

Quando não se toma consciência dessas parcelas, os indivíduos podem ser possuídos por esses arquétipos. Durante essa fase de possessão, o indivíduo perde o controle de seu ego e isso faz com que ele atue de forma arquetípica essa potencialidade coletiva. (JOHNSON, 1987b).

Quando a mulher se encontra em um estado de possessão pelo *animus* ela não faz idéia de que esteja possuída por ele, acredita que sejam comportamentos normais, e não que estejam diretamente ligados ao *animus* que a possuiu. (JOHNSON, 1987b). E da mesma forma acontece com o homem quando possuído pela anima interna. (JOHNSON, 1987a).

A *anima* possui um lado positivo, mas é conhecida principalmente por seu lado negativo, chamado comumente de mau humor. Quando um homem está possuído pelos maus humores da *anima*, segundo Johnson, ele “não consegue mais sentir, e perde sua capacidade de relacionamento e avaliação” e ainda acrescenta que “uma das principais características dos humores é que nos roubam a sensatez”. (JOHNSON, 1987a, p.57)

Além dos aspectos desses arquétipos e das influências que eles estabelecem na vida de cada ser humano, deve ser considerado também outra parcela importante da personalidade conhecida como sombra:

[...] Jung descreveu os elementos-sombra de uma personalidade como sendo aqueles lados reprimidos, ou facetas não vivenciadas na potencialidade global de uma pessoa. Por falta de cuidados, por não desenvolvê-los, esses elementos não vividos e reprimidos atrofiam-se ou então tornam-se escuros e ameaçadores. [...]. (JOHNSON, 1987b, p. 31).

Estar enamorado faz com que os níveis de vigilância da consciência sejam reduzidos, as pessoas são conduzidas pela idéia de liberdade e então, deixam emergir nas profundezas do inconsciente as manifestações e inibições reprimidas, mostra-se então o lado sombrio da personalidade em um relacionamento a dois.

Cada um de nós contém [...] uma *persona* agradável para o uso cotidiano e um eu oculto e noturnal que permanece amordaçado a maior parte do tempo. Emoções e comportamentos negativos – raiva, inveja, vergonha, falsidade, ressentimento, lascívia, cobiça, tendências suicidas e homicidas – ficam escondidas logo abaixo da superfície, mascarados pelo nosso eu mais apropriado às conveniências. Em seu conjunto, são conhecidos na psicologia como a *sombra pessoal*, que continua a ser um território indomado e inexplorado para a maioria de nós. (ZWEING; ABRAMS; 2012.)

Passa-se a conhecer a verdadeira natureza humana, pois é apenas nesse estado que se é permitido mostrar quem realmente é. (CAROTENUDO, 1992).

Surgem então os fantasmas interiores, os elementos destrutivos e por último, mas não menos importante o ciúme e todas as suas faces assustadoras combinadas à agressão e perversidade. (CAROTENUDO, 1992). Para Johnson “a rejeição da personalidade sombra, resulta numa divisão interior e no estabelecimento de um estado de hostilidade entre consciente e inconsciente”. (JOHNSON, 1987a, p.93).

Na sequência trataremos com mais detalhes sobre cada arquétipo, sobre a personalidade sombra e suas influências no comportamento humano e na dimensão de um relacionamento afetivo.

## 4.2 CAPÍTULO II – FUNCIONAMENTO DA DINÂMICA *ANIMUS* E *ANIMA*

A tarefa do sujeito em relação aos arquétipos citados por Jung é de descobrir a representação que eles têm e a partir disso desmistificá-los para que não se deixem ser envoltos pelos maus humores e possuído pelas parcelas sombrias da personalidade, uma vez que seus comportamentos são considerados inadequados quando possuídos.

Como já foi dito, os mitos são representações espontâneas vindas do inconsciente e de verdades psicológicas. (JOHNSON, 1987a).

O objetivo principal do ser humano em vida é alcançar a plenitude total e ter suas potencialidades reconhecidas através do ego, ou seja, através da sua própria consciência, o *Self* – compreendido como um outro centro de organização além do ego, pois ele não é somente consciente; é um dado primitivo, mas também é uma finalidade. (JOHNSON, 1987a).

É importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros. É igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente, ou seja, com a alma, a fim de poder diferenciar-se dela. No entanto é impossível que alguém se diferencie de algo que não conheça. (JUNG, 2000, p.71).

Para se chegar, ao cabo instituído pelo processo de individuação, a este novo centro de integração psíquica – o *Self* – o indivíduo precisa estabelecer um bom relacionamento com sua alma feminina; sem isso, ele nem se quer deve criar expectativas para que haja compreensão do mesmo. A unidade do *Self* é considerada paradoxal, pois se tornar um ser pleno indica a combinação dos opostos da mesma personalidade; no caso do homem, a junção da masculinidade com seu arquétipo feminino chamado *anima*. (JOHNSON, 1987a).

Johnson (1987a) se utiliza de mitos para explicar tamanha complexidade dessa personalidade dividida. Cita então o mito do Graal, onde o tema principal é a psicologia masculina e acrescenta que os ocorridos durante a história podem ser tomados como parte integrante do homem.

O mito inicia no Castelo do Graal, que enfrenta sérias dificuldades. O Rei conhecido como *Fisher King* – por ter sido ferido por um salmão na adolescência – foi ferido e tudo em seu reino está perecendo, mas ele não tem forças pra viver e



nem mesmo pra morrer. Acreditava-se que os reinos só prosperavam se os reis estivessem bem e com saúde, prosperidade dependia da virilidade do rei. *Fisher King* morava no Castelo do Graal, onde o Santo Graal – cálice da última ceia – estava guardado. Ironicamente o Rei não poderia se alimentar com o Santo Graal e nem tocá-lo por estar gravemente ferido, o que gerou mais um sofrimento, pois ele está com a felicidade ao lado, mas não pode tocá-la. Como todo castelo possui um bobo da corte, o mesmo certa vez havia falado que haveria um tempo em que um novo bobo da corte chegaria, ingênuo e que seria capaz de curar a ferida do rei e desde então todos viviam na ânsia desse dia chegar. (JOHNSON, 1987a).

Parsifal, o jovem que salvaria o rei, cresceu sem pai ou irmãos, morava apenas com sua mãe e era completamente ingênuo. Certo dia avista cinco cavaleiros e sente vontade de ser um deles, sua mãe vendo que não poderia convencê-lo do contrário o abençoa e dá três conselhos que deveriam ser seguidos. O primeiro, ele deveria respeitar as donzelas; o segundo, ele deveria ir á igreja rotineiramente e sempre que precisasse de alimentos deveria procurar uma igreja; e o terceiro, não deveria fazer perguntas. (JOHNSON, 1987a).

Em sua caminhada Parsifal encontra o cavaleiro *Red Knight* e o questiona sobre o que deveria fazer para tornar-se cavaleiro também, e é aconselhado a procurar o rei Arthur. O rei explica que tornar-se cavalheiro exigia muito empenho. Havia naquela corte uma jovem que não ria há seis anos e diziam que quando o melhor cavalheiro do mundo chegasse ela explodiria em gargalhadas, e assim que colocou os olhos em Parsifal, gargalhou. O rei então consagra Parsifal como cavalheiro, e um camareiro real se enche de ira e bate na donzela. O mais novo cavalheiro jura vingança e pede ao rei a armadura de *Red Knight*. O rei lhe dá a permissão para ir em busca da armadura e o jovem duela e acaba matando *Red Knight* acertando-o em um de seus olhos. Veste-se então com a armadura e cavalga em direção ao castelo de Gournamond, onde fica por um tempo aprendendo a ser um cavalheiro de fato. Recebe recomendações de que deveria buscar o Santo Graal, pois era uma tarefa digna de seu novo título e que não deveria ter intimidade física com mulheres, caso isso acontecesse, ele comprometeria a sua tarefa e quando entrasse no castelo deveria perguntar a quem o Santo Graal servia. (JOHNSON, 1987a).

Descobre que sua mãe havia morrido tempos depois dele ter partido e sente-se terrivelmente culpado. Em sua viagem de volta encontra uma jovem chamada

*Blanche Fleur* em seu castelo que corre perigo e pede ajuda ao cavaleiro prometendo-o terras e riquezas se ele a ajudasse. Parsifal passa a noite com *Blanche Fleur*, quebrando as regras dos cavaleiros. O jovem chega então ao castelo de *Fisher King* e é recebido com um banquete e uma cerimônia. Todos se alimentam com o Santo Graal e o rei o cinge com uma espada, maravilhado com os acontecimentos segue o conselho de sua mãe, de não fazer perguntas e no dia seguinte encontra-se no meio da floresta, o castelo havia sumido. No caminho Parsifal encontra uma jovem muito triste com seu namorado nos braços e morto. A jovem a culpa pela morte de seu amado e por ele não ter feito a pergunta que lhe era devida quando podia, por não ter curado *Fisher King* e o culpa pelas desgraças que continuariam acontecendo devido sua omissão. O rei Arthur sai em busca do jovem, pois era ele o mais corajoso de todos os tempos. Parsifal lembra-se de sua amada *Blanche Fleur* ao instante em que é encontrado pelo rei, que o escolta para seu castelo onde todos os esperavam e festejam por três dias, depois do rei o ter tido coroado. Quando todos menos esperavam aparece uma donzela horrorosa montada em uma mula e mostra todos os defeitos do jovem cavaleiro e as falhas que ele havia cometido, a situação que o rei *Fisher King* se encontrava e a proporção que sua omissão havia tomado. (JOHNSON, 1987a).

Pela segunda vez ele sai à busca do Santo Graal a mando da megera donzela. Depois de muito tempo cavalgando encontra-se com um ermitão que dá conselhos ao cavaleiro e lhe explica o motivo de suas falhas. Ao compreender que deveria ter mais humildade e libertar-se da culpa pela morte de sua mãe vai à busca do castelo, o encontra e faz a pergunta e imediatamente após ter sido feita, *Fisher King* sara e todos festejam e se alimentam com o Santo Graal e vivem para sempre felizes.

Segundo Johnson, (1987a, p.14) “um mito está para a humanidade em geral, assim como um sonho está para o indivíduo.”, o mesmo também acrescenta que o homem não deve passar sua vida buscando pela felicidade, pois assim não seria feliz, mas ser útil a felicidade e tão somente vivê-la.

O desfecho desses dois mitos mostra a necessidade de que haja compreensão sobre quem é o homem e a mulher, e principalmente do que seus humores são capazes de fazer quando possuídos.

É raro o homem que conheça bastante sobre seu componente feminino interior, sua *anima*, ou que tenha um relacionamento satisfatório com ela. É justo dizer que, se um homem pretende qualquer desenvolvimento interior, é essencial que descubra sua *anima*, que a coloque, por assim dizer, numa garrafa, arrolhando-a, em seguida. Ele vai precisar tirá-la, mas primeiro tem de aprender a não ser dominado por seus humores e seduções. [...] (JOHNSON, 1987a, p.51, itálico do autor).

É necessário entender sobre os arquétipos para se livrar das possessões. Johnson (1987a) descreve três estágios do desenvolvimento psicológico do homem, sendo eles o padrão arquetípico, o qual o indivíduo vai da perfeição inconsciente da infância para a perfeição consciente da meia idade, e em seguida para a perfeição consciente da velhice. Indescritivelmente todos os homens sentem-se feridos como o rei *Fisher King*, e para curar-se, precisam aceitar que seu lado criança e ingênuo será responsável por sua cura.

Os rapazes têm como característica um lado competitivo, de querer ganhar sempre, ser vitorioso, como Parsifal buscava ser, mas para tornar-se adulto, precisam aprender a dominar seu lado agressivo, violento e controlar-se. Os homens possuem um lado Parsifal da personalidade, ingênuos, mas também são cheios de características de *Red Knight*, arrogante, destrutivo e agressivo. (JOHNSON, 1987a).

O homem tem duas escolhas a fazer, pode escolher ignorar sua alma feminina que então se voltará contra ele e o tomará com seus maus humores e seduções, ou escolher relacionar-se com ela e desfrutar dos benefícios que a mesma a poderá proporcionar como força e entusiasmo. (JOHNSON, 1987a).

Os indivíduos que não possuem contato com sua alma feminina tornam-se amargos, inflexíveis, duros e se sentem corroídos por dentro. (JOHNSON, 1987a).

Johnson (1987a), também apresenta dois conceitos relacionados aos arquétipos, sendo eles os humores e o *feeling*. Os humores correspondem a quando o indivíduo é possuído pelo componente feminino interior; o *feeling* diz respeito à capacidade que o indivíduo tem de avaliação, ou seja, se o homem tem um bom relacionamento com a sua alma feminina, ele automaticamente possui uma capacidade de sentir, de valorizar e de ser feliz.

Os humores também podem ser divertidos, mas mesmo assim constituem uma forma de possessão. (JOHNSON, 1987a).

Um homem quando se encontra preso por humores se depara com aqueles dias em que acorda com “o pé esquerdo”, ou seja, tudo lhe parece ruim. Fica

convicto de que as coisas estão aos avessos e as que ainda não estão totalmente ruins, ele fará ficar. Ele projeta seu mau humor no mundo exterior. Isso tudo é tão contagioso que se a mulher não souber identificar tal possessão, culpa-se pelo mau humor do marido e corre o risco de ser dominada pelo *animus*, o que não resultará em algo muito bom. (JOHNSON, 1987a). Sanford, afirma que: “projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado.”. (SANFORD, 1987, p.17).

Os humores têm como característica principal roubar a sensatez. Johnson acrescenta que boa parte da psicose masculina advém das possessões da *anima*, é como se ela fosse responsável pelo transbordamento dos sentimentos, o autor cita como uma “pequena loucura”. Nesse estado de humor, ele não consegue comandar sua vida, pois está sendo governado pela sua personalidade feminina. Por não saber se relacionar com a *anima* e entender o que ela está querendo dizer, ele acaba culpando a mulher que estiver mais próximo dele, como por exemplo, sua esposa. É possível perceber tais comportamentos em casos onde os homens reclamam de suas esposas, levantando críticas e tecendo comentários destrutivos. O faz por não saber sobre a mulher que existe dentro de si. (JOHNSON, 1987a, p.58).

Johnson afirma que o homem “projetará tudo nela [a mulher] e estará convencido de que se casou com uma bruxa; e, mais, que seu mau humor é culpa dela”. (JOHNSON, 1987a, p.64).

Os homens tendem a cair nas armadilhas da anima e se deixam levar pelos maus humores quando se deparam com alguma situação onde suas expectativas são frustradas, quando as coisas fogem de seu controle e não saem exatamente como esperado. (JOHNSON, 1987a).

Se a mulher que estiver ao lado desse homem possuído pelo mau humor for sábia e não provocá-lo, as chances desse estado passar rápido são grandes. Todavia, se isto não acontece se torna ainda mais difícil para ele libertar-se de tal possessão. O grande problema que casais enfrentam nos relacionamentos amorosos está justamente na forma com que lidam com essas possessões. O maior erro que a mulher pode cometer é se deixar ser possuída pelo *animus* ao mesmo tempo em que seu parceiro também está, pela *anima*. Para fazer com que o homem se liberte das possessões, é preciso agir de forma diferente:

Há, no entanto, um ponto de genialidade que a mulher pode trazer à tona, se for capaz e se realmente quiser: é ela tornar-se mais feminina do que o humor que o está atacando. Aí ela poderia tirá-lo desse estado. Mas é muito, muito difícil para uma mulher fazer isso, porque sua reação automática é deixar sair a espada do *animus* e começar a desferir golpes. (JOHNSON, 1987a, p.63).

É possível perceber então que a mulher é dotada da capacidade de libertá-lo desse estado de humor se tiver paciência com ele e deixar as críticas de lado. Ela conseguirá fazer isso se, se mostrar mais feminina do que a anima dele, recuperando assim sua sanidade e devolvendo o controle de sua vida para o homem fazendo-o perceber a forma que ele estava agindo. (JOHNSON, 1987a).

A forma de possessão vai variar de acordo com o estado que a *anima* se encontrar. Se ela estiver agressiva, conseqüentemente ele terá um acesso de violência, e se relacionará com a mulher exterior baseado nestes princípios. (JOHNSON, 1987a).

O homem está para a busca da felicidade, como Parsifal está para a busca do Santo Graal, contudo, nem sempre é possível encontrar tal felicidade e vivê-la para sempre, todos os dias. Essa busca traz um peso para o homem e deixa um vazio quando não conquistada. O erro dos homens está em achar que a mulher exterior será responsável por preencher tal solidão, requerem que suas parceiras venham para suprir a falta de algo que eles mesmos devem alcançar; que é o amadurecimento e o bom relacionamento com sua alma feminina, pois só assim poderão conquistar o Santo Graal e desfrutar da felicidade plena. (JOHNSON, 1987a).

A *anima* comporta aspectos da sensibilidade, criatividade, acolhimento que são tipicamente valorizados como femininos e por estarem em gérmen na psique masculina, aguardam por um processo de conscientização que impediria a simples atuação enfiada, o mesmo ocorre na psique feminina.

Como já mencionado, chama-se a alma masculina que existe na mulher de *animus*, e esta é responsável por alguns comportamentos que ela apresenta. O animus também possui humores e se a mulher não o conhecer e souber lidar com eles, poderá ser tomada e não reconhecer seus atos.

Afrodite, como contado no mito, é uma parte importante da personalidade feminina, pois é a responsável pelo instinto básico materno, o qual se faz necessário para que haja a reprodução da espécie. Como também há uma Psiquê, o que faz

com que a mulher se sinta muito sozinha, uma característica dessa personalidade. Existem dois extremos dentro da mulher, e por isso é tão difícil se chegar a um equilíbrio, pois Afrodite e Psique disputam constantemente. (JOHNSON, 1987b).

Se a mulher contiver mais da personalidade de Psique em si, terá que enfrentar um caminho doloroso e poderá se pegar pensando que ninguém a compreende e que está solitária neste mundo. (JOHNSON, 1987b).

Uma característica que se faz bem presente em Afrodite é a regressão, ela luta em busca das coisas permanecerem exatamente da forma que eram por temer mudanças; caminha para trás, atrasando a própria evolução. (JOHNSON, 1987b).

Assim como o homem, a mulher também precisa libertar-se da possessão do elemento inconsciente que ela possui – o *animus* – para que ela possa alcançar uma evolução e chegar à plenitude, o desenvolvimento do Self. (JOHNSON, 1987b).

O fato de o *animus* ser inconsciente faz com que a mulher não reconheça suas ações e não saiba distinguir a atuação do *animus* sobre a vida dela, pensa então que tais comportamentos são advindos de seu próprio ego consciente. O único momento em que existe a possibilidade dela enxergar sua alma masculina é quando ela ascende à lâmpada, que se refere ao mito, e passa a enxergar a beleza do *animus* e então ele se torna consciente. O *animus* na mulher corresponde à parte fria, altamente discriminatória e seca da personalidade feminina. Quando manifesto, frequentemente causa problemas. (JOHNSON, 1987b).

Será abordado a seguir sobre os relacionamentos amorosos e a dinâmica que acontece entre o *animus* e a *anima* quando possuem os parceiros; será discutido também sobre o ideal de um relacionamento amoroso com parceiros saudáveis e que não se deixam seduzir pelos parceiros invisíveis, citados anteriormente como padrões arquetípicos.

#### 4.3 CAPÍTULO III – CONSTELAÇÃO DO CIÚME NA INFLAÇÃO DO EGO

Para começarmos a falar sobre os relacionamentos amorosos e a dinâmica que acontece entre o casal, faz-se necessário entender alguns conceitos relativos ao amor, chamado pelo autor Johnson como amor romântico. O amor romântico deve

ser compreendido como a paixão, aquele sentimento que vem com força imensurável e é responsável por algumas das grandes tragédias que acometem casais ciumentos:

O amor romântico não é apenas uma forma de “amor”, mas é todo um conjunto psicológico – uma combinação de ideais, crenças, atitudes e expectativas. Estas idéias, frequentemente contraditórias, coexistem no nosso inconsciente e reações. Inconscientemente, predeterminamos como deve ser um relacionamento com outra pessoa, o que devemos sentir e mesmo o que devemos “lucrar” com isso. (JOHNSON, 1987c, p.13).

É através do amor que os casais tentam alcançar a plenitude do ser, encontrar o elixir da vida e suprir as suas necessidades internas, pois acredita-se que o outro deva preencher a falta interna que existe. (JOHNSON, 1987c).

Estar apaixonado é estar em contradição, o indivíduo se sente preenchido pelos sentimentos decorrentes, mas também se sente solitário, frustrado e alienado. Se sente desta maneira aqueles que não conseguem distinguir suas faltas e esperam do outro o suprimento do que lhe falta. Culpam-se os parceiros pelas expectativas inconscientes e atribuem-se as falhas – muitas vezes pessoal – ao parceiro no qual se relaciona, exigindo então do outro, o que lhe cabe como dever. (JOHNSON, 1987c).

Acredita-se que o amor verdadeiro tem que ser aquele amor perfeito, onde os casais mantêm um ideal de perfeição fora dos padrões de realidade. Esse Ideal de relacionamento amoroso começou a ser propagada durante a Idade Média, e vem sendo divulgada até hoje. Johnson, afirma que: “[...] o amor verdadeiro tem de ser a adoração extática de um homem ou de uma mulher que representa para nós a imagem da perfeição”. (JOHNSON, 1987c, p.15).

Jung, citado por Johnson (1987c), afirmou que quando um evento psicológico muito importante acontece na vida de um indivíduo, potenciais importantes do inconsciente estão prestes a emergir e tornarem-se conscientes; o mesmo conceito também pode ser aplicado para o coletivo. Pode-se entender então, que o amor romântico quando acontece, permite aos parceiros vivenciar coisas que eles não imaginavam. Suas resistências abaixam e os indivíduos ficam mais suscetíveis a serem dominados pelos seus parceiros invisíveis, nomeados por Jung como *anima* e *animus*:

[...] Ainda não aprendemos a lidar coletivamente com o tremendo poder do amor romântico. Frequentemente nós o transformamos em tragédia e alienação e não em relacionamentos duradouros. Acredito, porém, que se homens e mulheres compreenderem os mecanismos psicológicos que atuam por trás do amor romântico e aprenderem a lidar com eles conscientemente, terão nas mãos a chave para novas possibilidades de relacionamento, tanto com os outros como consigo mesmo. (JOHNSON, 1987c, p.16).

Enxergar a verdadeira face do amor para o homem e para a mulher é uma tarefa que exige muito de cada um. É preciso se forçar para ver a beleza e o potencial existentes no amor romântico, contudo também as contradições e as ilusões que cada um traz consigo do inconsciente. (JOHNSON, 1987c).

Faz-se necessário saber que o ego executa um papel importante no desenvolvimento do drama da consciência, que é a busca pela plenitude. De acordo com Johnson (1987c), na dinâmica do casal enamorado, toda força e brutalidade vigente têm suas representações inteiramente ligadas ao animus, e o lado do sentimentalismo é pertencente a *anima*.

[...] o amor romântico: por definição, é algo “fora-de-controle”. É algo fora de controle porque é justamente isso que, secreta e inconscientemente, queremos dele – que nos leve ao êxtase, que nos carregue para além das fronteiras estéreis do mundo pequeno e estreito do ego. [...]. (JOHNSON, 1987c, p.86).

Todo relacionamento amoroso, no início é bombardeado por sensações, expectativas e sentimentos, e poucos são os casais que conseguem chegar à etapa considerada mais difícil de se alcançar, que é reconhecer suas frustrações internas e aceitar o parceiro como um ser humano normal, falho e com limitações. (JOHNSON, 1987c).

Quando as coisas estão misturadas e os sentimentos se tornam confusos, é difícil se alcançar um estado de equilíbrio. A partir do momento em que as confusões e sentimentos são esclarecidos, é possível planejar novamente atingir o ideal de relacionamento, a plenitude do ser, e sentir-se pleno dentro de um relacionamento amoroso. (JOHNSON, 1987c).

No amor romântico, os indivíduos são tomados por um desejo de serem possuídos e de possuir o parceiro. Sentimo-nos enaltecidos, como se a vida tivesse sido devolvida, e na obrigação de buscar a plenitude. Deseja-se caminhar nas



alturas e encontrar o máximo de significado e de realizações na pessoa que amamos:

[...] Mas o nosso anseio pela alma infiltra-se por onde menos esperamos – nas projeções, nos ideais, nos êxtases e desesperos, nas paixões e nas renhidas lutas do amor romântico. [...] É por esse motivo que achamos a vida inteiramente sem sentido a menos que estejamos “apaixonados”, e é por isso que o amor romântico tornou-se a maior força psicológica em nossa cultura. (JOHNSON, 1987c, p.84).

Inconscientemente homens e mulheres acreditam que seus parceiros têm o dever de mantê-los sempre felizes, e por esse motivo estão constantemente exigindo coisas impossíveis, pois desejam uma vida de emoções e de significados. (JOHNSON, 1987c).

O homem quando está apaixonado, enxerga a mulher como um símbolo de algo universal, de perfeição, de algo transcendental. As coisas que ele começa a ver na mulher faz com que ele pense ser ela o significado da vida dele, e se sente realizado. Por meio dela, vê-se especial, pleno, um novo homem, melhor e completo. Johnson afirma que: “[...] é na *anima* que o homem sente que encontrará o significado da vida, a realização como ser, a plenitude e uma vivência cheia de êxtase”. (JOHNSON, 1987c, p.93).

Dentro do amor romântico é possível encontrar dois lados de uma mesma faceta. O lado bom e bonito é visto através do objeto amado; é quando se enxerga além das imagens projetadas no parceiro. O lado mais difícil de se ver é justamente o que é preciso enfrentar. É um caminho tortuoso e que exige de cada indivíduo assumir suas parcelas sombrias e lidar com elas. (JOHNSON, 1987c).

O problema está em não ver a possibilidade de ser feliz sem que haja tantas exigências. Cometem-se erros quando o relacionamento do homem com a *anima* não é estabelecido e então, o indivíduo exige da parceira perfeição, por ficar tão ocupado com suas projeções. (JOHNSON, 1987c). Johnson refere-se a *anima* da seguinte forma:

[...] Ela também – assim como a mulher – precisa de ligações afetivas nas relações com o mundo interior e também exige uma parcela de esforço e do tempo de um homem. Quando ele a ignora, ela se enraivece muito. A *anima* vai ao ataque usando a espada dele mesmo, ameaçando-o violentamente; ela perturba a vida dele, cria-lhe obsessões e neuroses, e consegue entrar na brecha das projeções e das convulsões do amor romântico. A *anima*, de espada na mão é um ser perigoso, capaz de deixar um rastro de destruição por onde passa. (JOHNSON, 1987c, p.116, p. *itálico do autor*).

E então, assim surgem os conflitos quando há possessão da *anima*. Se os indivíduos não mentissem para si mesmos sobre seus sentimentos, e não responsabilizassem o outro por suas próprias verdades, seria mais fácil lidar com as faltas e chegar a um equilíbrio no relacionamento. (JOHNSON, 1987c).

[...] os únicos relacionamentos duradouros serão aqueles entre os casais que se vêm como pessoas comuns imperfeitas, e que se amam sem ilusões ou sem esperar coisas impossíveis um do outro. (JOHNSON, 1987c, p.155).

Do amor deve-se esperar a felicidade e o bem estar, já da paixão, espera-se o cumprimento das próprias vontades, dos próprios desejos e de ser feliz à custa do outro. (JOHNSON, 1987c).

O amor romântico é responsável por criar dramas, aventuras ousadas, cenas de amor ardentes e maravilhosas, ciúmes e traições. Com tudo isso, impossibilita os indivíduos de enxergar os parceiros como eles realmente são e viver um amor pleno.

Ao mesmo tempo em que o homem se apaixona, ele começa a ir além do amor e projetar sua *anima* na parceira, esquecendo-se das proporções humanas do relacionamento. O amor deixa de ser apenas amor e passa a ser algo de outro mundo, surreal. O relacionamento se firma nas projeções e por menor que seja o deslize ou decepção com a amada, se torna motivo de explosões de raiva e de ciúme. Qualquer olhar para outro homem ou mulher pode ser fatal, e passa a ser parte de um enorme drama. (JOHNSON, 1987c).

Durante o estado de possessão do homem pela *anima* e suas projeções a mulher sente-se sufocada, pois o homem passa a viver através dela. Ele pode começar a exigir coisas demais, fazer cobranças indevidas por não encontrá-la sempre a disposição dele, o relacionamento passa a se embasar em opressões para ambos. As opressões acontecem porque ele idealiza a mulher baseado em seu arquétipo feminino e qualquer que seja a mobilização que sua parceira faça que não corresponda com as expectativas geradas por ele pode fazer com que sentimentos ruins sejam despertados como: ciúme, inveja, agressão e raiva; ocasionando assim diversos conflitos, onde o homem tenta de todas as formas sabotar sua parceira para que ela não seja ela mesma, mas que sempre corresponda às expectativas de sua anima projetada:

[...] Tudo que o homem pode fazer é censurá-la por causa das más disposições dele, e imediatamente ele irá vê-la sob essa luz; infelizmente,

os homens são famosos pela facilidade que têm de atribuir às mulheres a responsabilidade por suas próprias más disposições. As disposições, atitudes, o humor, em um homem, como iremos ver, são efeitos desagradáveis que descem sobre ele vindo de seu lado feminino; [...] levando-se em conta que a mulher, que um homem já amou alguma vez e que era considerada uma deusa, pode com a mesma facilidade ser por ele vista como uma bruxa. Então, ela se torna tão desvalorizada quanto uma vez já foi supervalorizada. (SANFORD, 1987, p.24).

Esse tipo de atitude é característico do lado obscuro da *anima*, contudo, as mesmas projeções também podem ser vistas em relação à mulher para com o homem. Quando o *animus* é projetado, a mulher passa a ver o homem como um herói, um deus, como se ele fosse o responsável por devolver a vida a ela e então passa a viver para ele, entretanto, nem todos são dignos de tais projeções e na maioria das vezes não correspondem a tais expectativas. (SANFORD, 1987).

Quando o homem está possuído por sua *anima* ele sente triste, tem tendência de ficar mal humorado, além de extremamente sensível e perturbado. Jung postula que a *anima* “intensifica, exagera, falseia e mitologiza todas as relações emocionais com a profissão e pessoas de ambos os sexos”. (JUNG, 2003, p.82). Ele deixa de ser objetivo e suas atitudes masculinas ficam prejudicadas. (SANFORD, 1987, p.56).

Uma vez que a *anima* é responsável pelas más disposições do homem, o *animus* é o mestre e responsável pelas opiniões da mulher. Ele se expressa por meio de julgamentos, de generalizações e de afirmações críticas. É o *animus* que está por trás dos pensamentos autônomos, críticos e obstinados que se introduzem na consciência de uma mulher. Sanford afirma que: “ele representa uma lógica masculina inferior, do mesmo modo que a anima representa uma emocionalidade feminina inferior”. (SANFORD, 1987, p.71).

As opiniões do *animus* também possuem um efeito devastador e muito irritante sobre as outras pessoas. Ninguém consegue discutir com uma mulher possuída, seus argumentos são aparentemente ilógicos e irreais, além de se posicionar com uma atitude absolutista e não aceitar que discorde do que está sendo dito. Os juízos feitos, as conclusões e o aspecto quase-lógico dos argumentos é o que irrita tanto as outras pessoas, pois são geralmente feitas de forma estúpida e mesquinha tais críticas. A opinião de uma mulher possuída é um tanto quanto autoritária. (SANFORD, 1987).

As mulheres também ficam fadadas a descoberta de que o deus idolatrado projetado por elas, que um dia parecia magnífico e fascinante, com qualquer que

seja o movimento que ele faça para desenvolver-se pode ser frustrante, irritante e certamente é uma descoberta fatal. De supervalorizado, passa a ser visto como desvalorizado e completamente responsável por todas as decepções da mulher no amor, o que faz com que ela se sinta diminuída. (SANFORD, 1987).

Quanto mais reais as situações do dia a dia vão se tornando, mais desiludidos os parceiros vão ficando e a probabilidade de que eles entrem em confronto e comecem a brigar aumenta gigantesca; isso acontece normalmente quando o estado de estar apaixonado acaba. (SANFORD, 1987).

A paixão não suporta a rotina do dia a dia, pois é desgastante. Para se tornar capaz de amar os indivíduos precisam amadurecer e aceitar as responsabilidades cabíveis as si mesmos de tornar-se feliz, sem que se censure o parceiro pelas próprias frustrações. E é por isso que poucos sobrevivem até chegar ao amor verdadeiro. É preciso levar em conta que as projeções em si não devem ser intituladas como boas ou más, mas o que é feito com elas é o que realmente conta. (SANFORD, 1987).

Carotenudo afirma que “no amor a subversão da ‘norma’ coincide com a subversão da patologia”. O mesmo autor ainda diz que uma relação amorosa é regida por uma necessidade patológica dos parceiros, ou seja, um representa a doença do outro:

Poder-se-ia, portanto, dizer que as afinidades eletivas sobre as quais se baseia a escolha amorosa não são as partes ‘belas’ do indivíduo, mas as piores, as que pertencem à dimensão da Sombra. [...] O amor que une os amantes liga indissolúvelmente as partes ‘doentes’ dos dois indivíduos. Por isso podemos dizer que a relação de casal apresenta aspectos delinqüenciais que, se reforçados por um particular contexto ou por uma disposição patológica de ambas as pessoas, podem fazer emergir de modo dramático as zonas de sombra. (CAROTENUDO, 1992, p.16 e 17).

São nos relacionamentos amorosos que elementos ocultos aparecem e é por isso que crimes são cometidos em nome do amor. Os níveis de vigilância se abaixam e no amor existe certo tipo de liberdade, e é então que a sombra aparece, revelando o homem a si mesmo. Se uma análise for feita, é possível perceber que dentro da dimensão amorosa e do investimento afetivo, estão sempre presentes o que pode ser chamado de a outra face do amor. (CAROTENUDO, 1992).

Carotenudo faz alusão do amor a um jogo, afirmando que: “é um sistema bastante complexo em que estão presentes estratégias como o engano, traição, a

inveja.” Esses elementos destrutivos podem viver por um período de tempo ocultamente, mas emergem na medida que os indivíduos se sentem amedrontados ou inseguros em relação ao parceiro. Eventos externos também favorecem o aparecimento de tais elementos, podendo levar a morte da pessoa amada por vingança, ciúme ou abandono. (CAROTENUDO, 1992, p.11).

Em *Eros e Pathos – amor e sofrimento*, o autor Carotenudo (1992) pontua que a relação amora pode ser comparada a relação de um hipnotizador e o hipnotizado; afirma que o estado de enamoramento provoca nos parceiros uma fixação pela outra pessoa, como se a libido fosse completamente deslocada para o ser amado, o que torna o indivíduo um ser obstinado e obsessivo pela imagem do outro. Essa experiência tem um caráter imprevisível, irreal e compulsivo. As experiências do amor e erotismo põem violentamente em crise as certezas e coloca o indivíduo numa condição existencial de desequilíbrio. O amor traz consigo uma vulnerabilidade e uma importância central que o outro passa a exercer, lançando assim o indivíduo em um estado de necessidade.

Existe uma necessidade de controlar sempre tudo, e quando as expectativas não correspondem com a realidade o indivíduo inevitavelmente é tomado por pânico, por um sofrimento que quase chega a ser físico. O amor excita o medo. Carotenudo (1992) postula que o amor proporciona a todos a possibilidade de fazer mal ao outro, mesmo amando-o e ainda afirma que:

[...] Não é um fenômeno fácil de se explicar; talvez a razão deva ser buscada no fato de que, qualquer maneira, nós nos sentimos arrebatados e violados; ninguém pode impunemente conquistar a nossa dimensão interna, assim como acontece nessa experiência, e então pode ocorrer que a necessidade, talvez inconsciente, de violar o outro e de fazer-lhe mal seja a sutil vingança de quem se sente completamente possuído. Eis por que o amor é “coisa cheia de medo”, eis por que ao lado dos sentimentos mais sublimes experimentamos também temor dessa experiência. (CAROTENUDO, 1992, p.16).

Esse é um dos motivos de o amor romântico ser tão cheio de surpresas. A dependência existente traz consigo sentimentos como o ressentimento e a hostilidade. É um caminho de buscas sem fim, porque qualquer que seja o resultado que se possa obter, ele será sempre insuficiente diante das próprias expectativas. Ao mesmo instante em que o indivíduo amado, responsável por trazer a sensação de plenitude é conquistado, experimenta-se muita dor e angústia por imaginar a possibilidade da perda do objeto amado. (CAROTENUDO, 1992).

Quando se deseja alguém, a carne se torna algo indispensável na busca de saciar os desejos e de sentir-se pleno e completo. Carotenudo afirma que: “[...] quando quero uma outra pessoa, eu na realidade aspiro ao que representa a dimensão ‘animal’ do outro.”. Estar exposto ao outro tem uma conotação de mostrar fragilidades. Revelar-se significa no fundo, conceder uma parte da própria liberdade, dar partes de si mesmo e por esse motivo, a descoberta do próprio corpo pode ser encarada também como uma fonte de temor. (CAROTENUDO, 1992, p.87).

A pessoa que ama, torna-se por definição um objeto, pois vive e se sente como um diante da pessoa amada. O indivíduo enamorado não perde apenas a sua própria subjetividade por se sentir assim, mas deseja ser e porta-se desta maneira perante o outro. E nesse jogo de disputas, o corpo se torna um símbolo de conflito. (CAROTENUDO, 1992).

O medo de perder o objeto amado sempre invade a psique e é por isso que é falado sobre a angústia. Neste terreno, nasce um sentimento que muitos não admitem, difícil de confessar; o ciúme. Esse sentimento deixa a visão do indivíduo turva, fazendo com que ele se sinta imerso em seu lado sombrio da personalidade. (CAROTENUDO, 1992).

Sobre o ciúme, o autor Carotenudo, postula que o mesmo “torna atual aquilo que é uma necessidade vital da criança: um afeto ilimitado e exclusivo.”. É sabido que um indivíduo se desenvolve a partir dos afetos recebidos, e o medo que é experimentado quando adulto relativo a perder o objeto amado aciona um sinal de perigo inconsciente no indivíduo. Como a própria existência é projetada e vivida através do parceiro, o temor da perda se torna devastador. A partir disso, o psiquismo faz um movimento na tentativa de impedir tais sentimentos, todavia uma pessoa ciumenta e infeliz se transforma num agressor. (CAROTENUDO, 1992, p.132).

A violência é justificada pela sombra como impulso decorrente das coisas imaginadas pelo indivíduo ciumento. O desejo de possessão em relação ao outro incita o ciúme e torna o relacionamento uma tirania. Esse sentimento pode também vir a demonstrar o desejo de ser o centro das atenções:

A ameaça, que percebemos ao entregar-nos a uma situação em que sentimos que nada somos sem a pessoa amada, provém de nós mesmos, porque somos nós que escolhemos ter uma relação com quem pode sempre escapar de nós, mesmo sabendo bem que depois não podemos suportar que este viva a sua experiência fora do nosso campo psicológico.

O ciúme é significativo também pelo fato de que nos permite dar início a um confronto diverso: a verdadeira declaração de intenções entre dois amantes ocorre no campo desde sentimento; é aí que eles podem se olhar porque o ciúme põe em crise o encontro. (CAROTENUDO, 1992, p.117).

A verdadeira face do ciúme extremo vem para colocar em confronto algo que não é trabalhado na fase mais primitiva do ser humano: a infância. A realidade, é que não se aceita a perda do objeto primário, o qual é depositada uma confiança absoluta. Jamais alguém aceitou ser abandonado e por isso, busca-se desesperadamente em todo vínculo sentimental retomar e recriar a confiança que outrora fora estabelecida e retirada de forma muitas vezes, cruel. Às vezes essa necessidade de confiança total faz com que se acredite que o indivíduo deva fantasiar uma perda com o objeto amado. (CAROTENUDO, 1992).

Se cada indivíduo conseguisse enfrentar e por a prova esse desejo obscuro, pertencente à sombra, seria possível compreender os motivos que levaram ele a sentir ciúme e resgatar forças para que uma relação saudável seja estabelecida sem que haja a necessidade de tal posse e medo de abandono absoluto. Carotenudo, diz que "somos, portanto, de modo especial vulneráveis na área dos afetos, e por tal motivo somos deles particularmente ciosos e ciumentos". (CAROTENUDO, 1992, p.119).

Em qualquer relacionamento afetivo, seremos sempre atacados pelas parcelas sombrias de nossa personalidade, pois é esta parte a responsável pelo nosso modo de ser e de agir e principalmente emerge quando encontramos alguma dificuldade, pois se teme o aborrecimento. É muito mais aceitável socialmente colocar a culpa no parceiro por algo pertencente a nossa personalidade, do que aceitar e enfrentar o lado que é considerado doentio e estabelecer um relacionamento com nossos arquétipos.

Sendo assim, pode-se afirmar que o ciúme não fica relegado à experiência individual, mas traz consigo complexos afetivos e que por inúmeras vezes estão intimamente relacionados a fatores arquetípicos. Por não serem conscientes, o casal pode então estabelecer um relacionamento com base nessas projeções anímicas.

Esta concepção de que o outro dá motivos para que se sinta ciúme sempre, deixa uma ideia empírica como justificativa do afeto, todavia a concepção junguiana traz consigo uma visão e um esclarecimento de que os conteúdos inconscientes e

arquetípicos são fatores determinantes para o afeto. A experiência do sujeito só vem constelar essa atuação arquetípica.

Ao invés de projetar, caberia ao sujeito se conhecer para não vir a atuar nessa dinâmica *animus* e *anima*, além de fortalecer o ego. A partir da conscientização de tais parceiros invisíveis, o ego poderá libertar-se de uma possível escravidão a esses arquétipos, e sair então dessa constelação, dessa atuação que na maior parte das vezes torna-se doentia.



## CONCLUSÃO

Sobre o *animus* e a *anima* podemos dizer então que não existe afirmação alguma em relação à homossexualidade recalcada e projetada na forma de temor no suposto desejo do outro, e nem ao mecanismo estritamente paranoico da dinâmica postulada por Freud. O que faz com que o indivíduo sinta ciúme e se deixe envolver e ser possuído por esse sentimento responsável por catástrofes é o não esclarecimento de tais arquétipos. Quando o ego é inflado pelo arquétipo da *anima* ou do *animus*, acontece algo que pode ser chamado como constelação arquetípica, que leva ao êxtase. Quando o indivíduo é tomado por tal êxtase ele sai de si mesmo e passa a ser comandado por essas forças.

O ego precisa se firmar e posicionar-se nessa dinâmica de forma que se liberte das possessões e, com isso, o *animus* e a *anima* não atuariam nem inflariam o ego, fazendo com que o sentimento de ciúme não fosse manifesto e as atuações sombrias da personalidade sombria não apareceriam de forma tão devastadora e patológica.

É esperado que nossos parceiros invisíveis atuem em nossa vida e principalmente na dinâmica de enamoramento, no amor romântico. Para que o relacionamento se desenvolva de forma saudável e passe do estágio do amor romântico para um amor de verdadeira aceitação do outro e, portanto, mais duradouro, é necessário que haja diálogo com os parceiros invisíveis.

Uma vez que há compreensão das frustrações internas, daquilo que se projeta no parceiro, e conscientização de que as expectativas projetadas no outro são inteiras e completamente de responsabilidade individual, a etapa seguinte a ser vivida é de um amor pleno, passível de erros, onde não se espera coisas sobrenaturais um do outro e onde as expectativas são reais e as frustrações não tomam proporções devastadoras e não abalam de forma significativa a relação.

Esse potencial patológico do ciúme que pode culminar na violência e na usurpação do desejo do outro pode, então, na medida em que o sujeito se conscientiza da dinâmica atuante no seu próprio psiquismo, alcançar um conhecimento de si mesmo e na criação de formas autênticas de relacionamento.

## REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, A. **Eros e pathos**: amor e sofrimento. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1994. 239p.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. 311p.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. 283p

JONSON, R. A. **He**: A chave do entendimento da psicologia masculina. São Paulo: Mercuryo, 1987a. 110 p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JONSON, R. A. **She**: A chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo: Mercuryo, 1987b. 93p.

JONSON, R. A. **We**: A chave da psicologia do amor romântico. São Paulo: Mercuryo, 1987c. 272p.

LIMA, T. C.; MIOTO, R. C. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimentos científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál. Florianópolis**. [S.l.]: v. 10, n. esp., 2007.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. 10ª Ed. São Paulo: Paulus, 1987. 170p.

ZWEING, C.; ABRAMS, J. (Orgs.). **Ao encontro da sombra**: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana. 5ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 356p.

JUNG, C.G.; **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, 447p.

JUNG, C.G; **O eu e o Inconsciente**. 14<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 166p.

## APÊNDICE



## Suélen Lopes da Silva


- Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4408924785782967>
- Última atualização do currículo em 02/10/2014

---

Possui ensino-medio-segundo-graupelo Colégio Dinâmico Educação Básica(2009). Tem experiência na área de Lingüística. **(Texto gerado automaticamente pela aplicação CVLattes)**

## Identificação

---

**Nome** Suélen Lopes da Silva 

**Nome em citações bibliográficas** SILVA, S. L.

## Endereço

---

## Formação acadêmica/titulação

---

**2010** Graduação em andamento em Psicologia.  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

**2004 – 2009** Ensino Médio (2º grau).  
Colégio Dinâmico Educação Básica.

## Áreas de atuação

---

1. Grande área: Lingüística, Letras e Artes / Área: Lingüística.

## Idiomas

---

**Inglês** Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.